

## JORNALISMO NO CONFLITO: A IMPARCIALIDADE É POSSÍVEL?

**Margarida Ladeira\***

Université Panthéon Assas, Sorbonne Universités  
amargarid@gmail.com

### Resumo

O jornalismo actual, digital, pauta-se por uma rapidez inigualável na História. Se, antes, os profissionais tinham algum tempo para cruzar fontes, observar acontecimentos de uma forma aprofundada e escrever a notícia com menos pressão, actualmente, o jornalismo ao segundo pode fazer dos profissionais os melhores, ou os piores. Em caso de conflito, que é o que pretendemos trabalhar, o papel do jornalista integrado no contexto em confronto é ainda mais complexo e requer um cuidado e atenção diferentes. A linguagem, instrumento de trabalho dos profissionais de comunicação social, reflecte, por si só, empatias e tendências que, num jornalismo eticamente guiado pela verdade e objectividade, não deveriam ser permitidas. Por vezes, mesmo que de forma inconsciente, e sem tempo de cruzar fontes e rever palavras, as notícias de jornais em contextos conflituosos acabam por acender os ânimos e incentivar as diferenças. A imparcialidade é posta assim em causa. A Irlanda do Norte, palco de séculos de animosidade entre católicos/republicanos e protestantes/unionistas, ora mais acesa, ora de maior acalmia, forneceu-nos o *corpus* deste trabalho. Com a análise de discurso de dois jornais, com tendências opostas (embora não assumidas), verificaremos se, de facto, a linguagem usada reflecte a aproximação a uma ou outra facção e se diferentes momentos no conflito promovem, da mesma forma, diferentes formas de olhar o mesmo evento.

Palavras-Chave: Jornalismo, Verdade, Objectividade, Linguagem, Conflito

### Abstract

Nowadays, digital journalism works at a speed never seen in History. If, before, journalists had time to check sources, observe thoroughly events and write with less pressure, today, journalism by the second can make professionals be the best or the worst in their field. When in conflict, the role of the journalist embedded in the opposed context is even more complex and requires different concern and attention. Language, a journalist's work tool, reflects empathies and tendencies that should not be allowed in a journalism guided by truth and objectivity. Sometimes, even unconsciously, without having time to check and review, news published in newspapers in a context of conflict, end up fanning the flames and encouraging differences. Impartiality is compromised. Northern Ireland, stage for centuries of animosity between catholics/republicans and protestants/unionists, sometimes more or less stable, provided us the investigation *corpus*. Analyzing the discourse of two online newspapers, with different empathies (though not publicly assumed), we will see if the language used reflects that same empathy and if different stages of conflict lead to different ways of regarding an event.

Key-words: Journalism, Truth, Objectivity, Language, Conflict

---

\*Licenciada em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, mestre em Comunicação e Jornalismo pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e, actualmente, doutoranda em Ciências da Informação e Comunicação pela Université Pantheón Assas.

## Introdução

As novas tecnologias reduziram o tempo de resposta dos jornais a determinado evento. Com o 11 de Setembro, o mundo inteiro pôde ver a transmissão de um acontecimento a tempo real, diante dos nossos olhos, mesmo que estivéssemos a milhares de quilómetros de distância.

É fácil, por isso, de perceber que o tempo que havia para maturar e analisar determinadas informações hoje é inexistente e o jornalista tem de tomar rapidamente decisões sobre o que escreve, tendo em conta a linha editorial do seu jornal. Se isto se pode reflectir em pequenas falácias ou erros de interpretação em questões menores, em contexto de conflito, o jornalista, socializado numa situação antagónica enraizada, tem de ter o dobro do cuidado. A linguagem, como vamos ver, tem a força do que é dito e, também, da forma como é dito e recepcionado, podendo elevar ânimos, aumentar diferenças e crispar facções opostas.

Antes de mais, relembremos que, actualmente, como afirma Manoff, "as tecnologias, instituições, normas e práticas dos mass media constituem uma das forças fundamentais que moldam a vida dos indivíduos e o destino de populações e nações"(Manoff, 1997). Idilicamente, "um jornal não existe para organizar guerras nem ganhar batalhas", mas antes, "para contar da melhor maneira possível o que se passa - comprometido com a verdade e com a defesa da liberdade -, para ser uma tribuna de opiniões e rectificar quando comete erros" (Pereira;Rekalde,2003:58). Como tal, na era da rapidez, é ainda mais fundamental que a prática jornalística assente nos grandes dois pilares éticos: a verdade e a objectividade. Em caso de conflito, especialmente quando há "empatia" com uma ou outra facção, estes valores nem sempre são respeitados, mesmo que inconscientemente. A imparcialidade sai derrotada em muitas reportagens num contexto conflituoso, onde, como afirma Knightley, a verdade é a "primeira vítima".

Neste artigo, abordaremos os conceitos de verdade e de objectividade jornalística, dentro deste contexto de sociedade de informação ao segundo. Sendo difícil uma imparcialidade total quando o jornalista vive o conflito sobre o qual escreve, decidimos verificar se, em notícias online, publicadas no mesmo dia de um determinado evento controverso, há ou não traços de empatia por uma ou outra facção. Compararemos notícias de dois jornais online da Irlanda do Norte, num determinado dia, em dois anos distintos, um de conflitualidade latente e outro de acalmia. Seguindo as técnicas de análise

de discurso de Norman Fairclough e Teun van Dijk, que dão atenção ao contexto social no qual é escrito e recepcionado determinado texto, procuraremos ver se há uma mudança na linguagem presente nos jornais sobre o mesmo assunto e à medida que o conflito atenua.

### **A verdade e o conflito, na sociedade de informação**

A busca pela “verdade” constitui o estandarte principal do jornalismo livre praticado à escala mundial, mas nem sempre é imparcial ou isenta de influências. Alguns autores colocam o desafio na própria linguagem, escolha sujeita a juízos de valor que poderão minar essa meta. “A linguagem é, deste ponto de vista, uma variante arbitrária e volátil, apenas parcialmente objectiva, dado que só consegue apreender parte da totalidade que referencia a realidade”(Marques,1999:2).

O discurso jornalístico da “verdade” depende primeiramente da sua constituição “no espaço social e a sua possibilidade de compreensão” (Marques,1999:2). Um dos casos mais graves de *hate media* dependia do pressuposto da compreensão do discurso por parte de uma etnia. Os jornalistas hutus no Ruanda, ao proferirem determinadas afirmações metaforizadas, nomeadamente o uso do termo "baratas" para designar a etnia tutsi, na rádio, incitavam a população ao genocídio, sem o dizerem literalmente. Baseavam-se numa “verdade” parcial, vista pela sua perspectiva que, naquele contexto, era inteligível, sem ser explícito.

Contudo, nem sempre a aproximação a uma facção é explícita. Segundo Sá Marques, os actuais conflitos éticos, que envolvem o mundo da comunicação, não têm muitas vezes a ver com os actos conscientes e voluntários de indivíduos, grupos ou a sociedade, mas com as impossibilidades de "objectivação do discurso no quotidiano, com a improbabilidade da comunicação perfeitamente realizada, enquanto esfera da experiência humana"(Marques,1999:3). A verdade e importância do discurso jornalístico dependerão, sempre, dos "quadros de significados apreendidos socialmente" (Marques,1999:3), quer pelo jornalista que relata um facto, quer pela opinião pública, que o interpreta.

Reportar a verdade é uma tarefa por si só dúbia. Será sempre uma perspectiva de um evento influenciada pela formação sociocultural do repórter, sendo, por isso, impossível abranger “todas as verdades” de um facto. Em casos de conflito de interesses entre duas partes, o que cada facção considera verdadeiro e digno de ser reportado pode não ser coincidente, tendo o jornalista a tarefa ingrata de escolher o ângulo do qual o observar.

O repórter é um indivíduo, inserido numa comunidade, com valores adquiridos pela tradição que o transcende e que moldou a forma como vê a realidade, condicionando a sua imparcialidade. Se reflectirmos, por exemplo, no conflito israelo-palestiniano e compararmos dois jornais, um de cada parte (Israel e palestiniano), será provavelmente interessante observar que o mesmo facto pode ter duas versões, nenhuma das quais falsa na sua origem, mas parciais e incompletas na abordagem. Tendo em conta esta subjectividade, Cornu afirma que “a procura de informação coloca o jornalista diante de uma especial responsabilidade, ligada à clareza das suas motivações. A procura da verdade no interesse do público em conhecê-la e não o ajuste de contas. O serviço da informação e não a satisfação de uma ambição pessoal” (Cornu,1999).

A “verdade” jornalística depende então de uma argumentação, de uma retórica, que não é interactiva na sua maioria. Por várias razões, cada meio de comunicação compete pela maior audiência possível e, para isso, aproxima-se dos seus receptores, distanciando-se por vezes do seu papel ético de informar a “verdade” e adequando-se às expectativas do receptor.

A ilusão da “verdade” tem, contudo — especialmente numa sociedade de informação com um jornalismo “em tempo real” —, ganho densidade. As notícias reportadas em directo, em cima do acontecimento, transmitem ao público uma sensação de transparência e igualdade, que contribui para esta noção ilusória. Contudo, este é um fenómeno que pressupõe o esbatimento das “fronteiras culturais, linguísticas, políticas e ideológicas, através da mediação da linguagem e da argumentação” (Marques,1999:5), o que não acontece. Os interlocutores não têm todos o mesmo nível de compreensão, decorrente das desigualdades socio-economico-culturais, sendo o facto apreendido, consequentemente, de forma desigual.

Outro fenómeno da sociedade de informação é a sua dependência de estratégias de mercado e de tendências ideológicas de um determinado meio ou profissional. São estas tendências que, consciente ou inconscientemente, moldam a agenda jornalística e a perspectiva transmitida ao leitor/ouvinte/telespectador. “O pressuposto utilizado pelo jornal faz parte de uma acumulação arbitrária de padrões simbólicos culturais que permeiam e orientam o sistema de escolha dos acontecimentos, atribuindo-lhes qualidades ou determinando a sua natureza” (Marques,1999:5), logo, definindo a sua *verdade*.

O cariz económico, de uma indústria que não deveria à partida assentar em outros valores que não aqueles que definimos para a escolha e elaboração de notícias, é outro factor que influencia cada vez mais a profissão do jornalista. Seaton relembra que “uma

influência importante na forma como os media lidam com os eventos é a sua situação económica e comercial” (Seaton; Allen,1999:45). O repórter “tem (então) um emprego que consiste em vender informação num mercado cada vez mais competitivo” (Woodrow,1996:177), necessitando que haja consumo do que escreve, para garantir o seu próprio meio de subsistência. Isto significa uma aproximação do seu produto aos consumidores, ao público que o lê, vê ou ouve, mesmo que tenha de o “ajustar”. Mais uma vez, pondo em risco a "verdade".

### **A objectividade, o efeito CNN e o conflito**

“O conceito de objectividade alude à forma como as notícias são criadas e reportadas na selecção de factos, a sua formatação, enquadramento e formação na agenda pública com ou sem relação com valores” (Cohen-Almagor, 2001:77). Sabendo que a “verdade” pode ser múltipla, cabe ao jornalista escolher a que considera acertada para a sua reportagem. O passo seguinte será, então, reconhecer que este conceito é uma meta a atingir e que “enquanto a maior parte dos cidadãos toma como garantida a objectividade, a reportagem objectiva não tem sido a norma histórica”(Akin, 2005).

Até ao aparecimento da Grande Imprensa (dos grandes empreendimentos noticiosos que requeriam capital, muitas vezes externo, para abrir um jornal), a imprensa estava mais voltada para a “expressão de opiniões, debate de ideias constitutivo do espaço público” (Cornu,1999:182). Logo, não era necessária a objectividade para conquistar a audiência. Com a mercantilização dos media, e “entrando nos hábitos jornalísticos pela pequena porta das ambições comerciais e das limitações técnicas, a objectividade como prática jornalística erigiu-se assim, pouco a pouco, em critério de moral profissional” (Cornu,1999:182), supostamente marcando a informação verdadeira.

Como nos relembra Tuchman, "os jornalistas invocam os procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos limites cognitivos da racionalidade" (Tuchman, 1972: 75). Esses processos estratégicos são, por isso, vistos como facilitadores da profissão e essenciais para que uma redacção trabalhe sem grandes perturbações, garantindo que o jornal saia a tempo, factor que escasseia. Como tal, para tentarem reduzir os perigos dessa falta de tempo, os jornalistas seguem rotinas de trabalho que identificam com notícias objectivas, nomeadamente na estruturação dos factos de modo descomprometido, imparcial e impessoal. (Tuchman, 1972: 78).

Contudo, apesar da tentativa de seguir processos que possam transmitir uma

objectividade relativamente a determinado assunto, é importante frisar que “toda e qualquer informação é forçosamente subjectiva. É apresentada por um jornalista, isto é, por um humano, com a sua sensibilidade, o seu carácter, a sua história, as suas opiniões, os seus talentos e os seus limites. Resulta de uma escolha, de uma apresentação, com um número limitado de palavras (e/ou de imagens)” (Woodrow,1996:217). Almagor vai mais longe, afirmando que “os jornalistas não podem deixar de ser subjectivos. Têm as suas próprias opiniões, sentimentos, e atitudes relativamente a determinado assunto” (Cohen-Almagor,2001), por mais que a objectividade seja um dos princípios ou metas deontológicas presentes na maioria dos códigos da profissão.

É igualmente importante lembrar que "cada notícia é uma compilação de "factos" avaliados e estruturados pelos jornalistas" (Tuchman,1972: 77). Ela é, então, fruto de um processo criativo, na medida em que o jornalista vê o evento, filtra-o com base no seu contexto, valores e identidade, transmitindo-o numa estrutura que considera mais importante, em seguida, a uma audiência. Este filtro pode ser óbvio ou subtil, quase inconsciente, através da linguagem usada, dado que os redactores, muitas vezes, “não estão conscientes da tomada de posições num debate ao usarem outros termos” (Cohen-Almagor,2001:76). Na realidade, a falta de tempo faz com que o jornalista se baseie em determinadas informações que julgue como verdadeiras, sem grande tempo para verificar o que é comumente aceite. Contudo, "as noções que o jornalista toma como adquiridas são, de facto, um quadro da sua visão da realidade social e política" (Tuchman,1972:88), que pode estar carregada de estereótipos e preconceitos enraizados que, em caso de confronto, podem ser mais notórios e até usados como instrumentos de conflitualidade.

Os factores económico e político são dois dos mais citados quando se aborda a impossibilidade de se ser objectivo. Spencer e Bennet mostram que “a objectividade é ilusória por causa das afiliações ao poder político, constrangimentos organizacionais, a previsibilidade da construção das reportagens e o alcance limitado das notícias” (Spencer, 2008:13). Bennet reúne, por sua vez, os quatro factores que inibem desde logo a objectividade jornalística: o facto de um evento político ser inerentemente noticioso; o problema de encontrar um ponto de vista que seja neutro; a impossibilidade de reportar os factos em todos os seus contextos interpretativos e a pressão para o cumprimento de prazos, restringindo o espaço para uma análise compreensiva (Bennet *apud* Spencer,2008:12). Este último é agravado numa sociedade dominada pelas novas tecnologias, pelo *online*, que ligam tudo e todos ao segundo.

O factor económico, aliado ao político, influencia igualmente a objectividade

jornalística. A partir do momento em que os media se tornaram uma indústria, eles procuram o lucro através do consumo da audiência ou leitores. Transformam, então, os eventos políticos em algo atractivo, ora exacerbando erros, ora sobrevalorizando alguns em detrimento de outros, ora tornando-os espectáculo, tendo “a televisão uma responsabilidade considerável no que concerne à redução da política a um entretenimento tipo jogo-espectáculo” (Spencer,2008:9).

A pressão, à qual se submetem os jornalistas, agrava-se com o tempo encurtado das emissões jornalísticas, em que o profissional mais rápido se pode tornar o melhor ou o pior. Não é estranho, por isso, que esta possa "influenciar o jornalista a trocar os factos, glorificar eventos relativamente simples, aumentar dados” (Cohen-Almagor,2001:77). Nesse sentido, Woodrow aconselha que “o jornalista competente (...) deve conquistar o tempo e o rumo necessários, distanciar-se do facto para tentar compreender o seu significado. Verificá-lo-á, recortando-o com outros factos” (Woodrow,1996:216). Contudo, o tempo escasso, especialmente no jornalismo online e audiovisual, para confirmar as notícias e verificar as fontes, cruzando-as com outras informações, requer do jornalista uma intervenção maior no texto. Assim, a análise aprofundada, cuidada, fica para a imprensa, como os jornais e revistas semanais e mensais.

Em caso de conflito, mantém-se a “tendência dos jornalistas de não verificarem os factos, dados os prazos limites constantes” (Carruthers,2000:242) para entrega de notícias e o preenchimento dos noticiários televisivos. Consequentemente, o efeito CNN, o aqui e agora, levanta questões de precisão, minando o contexto e distanciamento, dando origem a falácias e mal-entendidos que, numa guerra, poderão ser autênticos barris de pólvora.

Os conflitos éticos em jornalismo, ao perder no discurso o sentido de verdade por “inversão, excesso ou falha de pressuposição“, são “acentuados por um interlocutor relativamente anónimo, cujo grau de probabilidade de entendimento varia segundo o seu envolvimento com o discurso e com os valores reelaborados” (Marques,1999:10). A linguagem usada, a escolha nas palavras para transmitir determinada informação, pode ser o espelho do contexto no qual e para o qual se escreve. Em caso de conflito, ânimos podem ser acesos, facções podem ser atizadas e estereótipos agravados. Por vezes de uma forma subtil e, quiçá, inconscientemente, da parte do jornalista.

### **O papel da linguagem na redacção jornalística**

Raphael Cohen-Almagor sublinha que “temos de ter consciência do perigo das

palavras, e restringir certas formas de expressão quando designadas para acções nocivas e discriminatórias, porque as palavras, em larga extensão, são prescrições para acções” (Cohen-Almagor,2001:77).

Afigura-se, então, pertinente considerarmos o enquadramento no qual uma declaração de animosidade é produzida, reconhecendo o papel da linguagem – o que é dito e a forma como é dito – quando analisamos as intenções por detrás desses jogos de palavras, nem sempre directos, nem sempre conscientes. Assim, convém lembrar que, “na linguagem da convivência social operam categorias de uso corrente e codificado, estereótipos. Imagens mentais, esses estereótipos constituem modalidades de organização de experiências de vida social” (Pereira;Rekalde,2003:25). Esses rótulos, que conferimos aos “Outros” e a “Nós”, enquanto grupos sociais distintos, são desenvolvidos e assimilados no processo da nossa formação, estando muitas vezes inconscientemente enraizados no nosso discurso. Em caso de conflito ou tensão, como já pudemos constatar, estas imagens tornam-se demoníacas, sendo a linguagem um “instrumento de violência simbólica” (Pereira;Rekalde,2003:58), usada pelos líderes políticos e carismáticos para a mobilização de um grupo contra os oponentes. Como Rekalde e Pereira afirmam sobre o caso basco, “nada une tanto como estar contra alguém” (Pereira;Rekalde,2003:58). As emoções são assim tratadas de forma a conseguir-se atingir o ponto de ruptura, já que “as respostas ocorrem em relação aos símbolos, precisamente porque estes provocam uma reacção emocional, que estimula a acção” (Spencer,2008:46).

Como relembra John E. Joseph, a linguagem tem três funções principais: Comunicar com os outros; representar o mundo nas nossas mentes e expressar as nossas opiniões, o que pensamos dos outros. O conhecimento acumulado de cada um entra "em acção em qualquer encontro social. É tão único como a nossa própria experiência de vida, e, quando o põe a trabalhar na construção do Outro, estamos a construir algo que envolve quem somos, tanto quanto, e por vezes mais, do que quem o Outro é.” (Joseph,2005:25) Em caso de conflito, o grupo distinto, oponente, passa a ser visto negativamente, como se tudo partisse da dicotomia bom/mau, sendo o semelhante considerado sempre como o lado positivo.

No conflito, a perspectivação comum do “*Outro*” como o “mau da fita” é essencial para a perpetração de determinados crimes, sobretudo quando envolvem violações graves de direitos humanos. Os que estão fora do grupo são vistos como “estúpidos, egoístas, desonestos, agressivos, hostis, mesmo não tendo feito nada pior do que os membros do próprio grupo.” (Burgess,2003) As imagens estereotipadas são, então, “usadas como bode-

expiatório, a razão de todos os males”, pelos quais o grupo vai passando ao longo da história, sendo por isso imperdoável qualquer acção do *Outro*, e impensável a aproximação a alguém tão malévolos.

A linguagem, importante como instrumento de conflito na demanda por poder e segurança, é também o instrumento de trabalho do jornalista, que, com o encurtamento do tempo de análise e revisão, acaba por lhe dar menos atenção. O discurso, não só pelo que se diz como o que se infere do que é dito, é essencial para determinar as fronteiras entre o "Eu" e o "Outro", o que define a pessoa que está próxima e aquela que é rejeitada. É comum verificarmos que a forma como determinado assunto é reportado dependerá do filtro com o qual se observa o mesmo, sendo as palavras o seu reflexo. Em caso de conflito, é ainda recorrente o uso de uma linguagem indirecta, assente em metáforas ou insinuações que podem ser mal-entendidas pelo grupo oposto, mas perceptíveis pela colectividade à qual se pertence.

“Além da influência directa dos media, (o discurso do ódio) também depende da emergência de uma audiência com vontade de ser persuadida” (Allen;Seaton,1999:46). Sadurski afirma que a difamação de um grupo é um sintoma, não uma fonte, de problemas mais profundos que dão origem a ódios e preconceitos entre grupos sociais (Sadurski,1999). Levanta assim a questão da audiência como factor decisivo para a disseminação destas sementes, que não germinam senão num solo já preparado para recebê-las.

Assim, a verdade é que, de facto, muitas vezes, os media, nas suas peças, acabam por servir a uma ou outra facção num conflito, pela escolha das notícias ou pelos termos usados. Nos casos dos conflitos enraizados, mais graves nas alturas extremas de violência, as possíveis tendências parciais podem ser muitas vezes inconscientes, fruto de uma sociabilização e de uma linha editorial à qual o jornalista-empregado tem de obedecer. A tendência é, principalmente, transmitida através do instrumento de trabalho do jornalista, a linguagem.

É no reconhecimento destas questões que o jornalista deve assentar a reportagem dos acontecimentos, especialmente quando fazem parte de contextos de tensão intergrupos complexos e de difícil resolução. De seguida, analisaremos o caso da Irlanda do Norte, através de notícias de dois jornais online, Irish News e Belfast Telegraph, verificando se, efectivamente, a escrita espelha e espalha a tendência ou empatia do jornal, ou, pelo contrário, consegue ser objectiva.

## **Análise Crítica de Discurso dos jornais Belfast Telegraph e Irish News**

Depois de nos atentarmos na importância crescente da busca pela verdade e pela objectividade jornalística, em contexto de conflito, pretendemos verificar se, efectivamente, há algum reflexo de empatia por uma ou outra facção, através da linguagem, em diferentes jornais e situações. Para isso, e usando como estudo de caso um conflito secular, com picos de violência elevados e momento de acalmia, o da Irlanda do Norte, decidimos escolher dois jornais com tendências comumente (não assumidamente) aproximadas às facções opostas no conflito -- o Irish News mais próximo dos republicanos e o Belfast Telegraph dos unionistas --, dos quais recolhemos as notícias online, publicadas no dia do Twelfth em 1996 e em 2009, que serão o nosso *corpus* de análise.

Assim, nos dias 12 de Julho de 1996, e no dia 13 do mesmo mês de 2009 (mudança do dia por coincidir com um domingo), buscámos as notícias com o filtro "Orange Parades", publicadas nos sites dos dois jornais no próprio dia do evento. Com as notícias recolhidas, tentaremos observar qual a linguagem usada, o que é dito e a forma como é dito, e se, para diferentes fases do conflito, há diferentes formas de abordar a mesma questão.

Relembraremos, ao mesmo tempo, ao longo da análise, os procedimentos estratégicos usados pelos jornalistas para darem uma noção de objectividade ao texto, enumerados por Gaye Tuchman, como a apresentação de possibilidades conflituais e provas auxiliares, o uso judicioso de aspas e a estruturação da informação (Tuchman, 1972:79-84). Verificando a existência, ou inexistência, destes nas notícias do nosso corpus, procuraremos observar o nível de compromisso com a objectividade, pelo jornal.

Para uma análise aprofundada do discurso, apoiámo-nos em dois autores da corrente da Linguística Crítica, Teun van Dijk e Norman Fairclough. Ambos se debruçam sobre os discursos produzidos e conferem especial relevância ao contexto no qual estão envolvidos emissor e receptor, neste caso um quadro de conflito. Neste trabalho, focar-nos-emos na parte do emissor, no jornal, como um todo.

Teun Van Dijk, que desenvolveu um modelo sócio-cognitivo de análise, remete para a pertinência da concepção da identidade colectiva na emissão e recepção da notícia. Fairclough, por seu lado, faz uma abordagem mais completa da análise crítica do discurso, reconhecendo a micro e macro estruturas existentes num texto, neste caso, noticioso. Ambos demonstram como poderá ser feita a análise de textos em situação de conflito, dado que o contexto social dos jornalistas se encontra, na maior parte das vezes, à

superfície de palavras e significados. Utilizaremos os princípios de Van Dijk no sentido de criar um elo de transição para o modelo de análise de discurso, no qual se privilegiam as características socioculturais. A Fairclough, que pretende mostrar como a "linguagem e as práticas discursivas nos media constituem mudança social e cultural" (Fairclough,1995:29), vamos buscar a introdução do contexto social, alargado à análise de textos.

Para os autores que aqui focamos, "discurso não é só texto, é uma forma de interação" (Dijk,1988:29), próxima das ciências sociais, no sentido em que preconiza o conhecimento do contexto, que está presente nas frases que compõem o texto, não só na codificação das palavras, dos signos, como na interpretação do que está escrito e na coerência da estrutura. A linguagem é uma ferramenta essencial para o estudo do contexto de produção e recepção de uma determinada informação.

De Fairclough, buscámos ainda os princípios metodológicos que norteiam esta investigação, assente em três pontos fundamentais: a análise das notícias tendo em conta o contexto social (Análise Social), as questões textuais, compreendidas em vocabulário, frases, coesão e estrutura do texto (Análise Textual) e a força do que é dito e a forma como está escrito (Análise da Prática Discursiva).

### **O Twelfth de 1996 nos dois jornais**

Em 1996, após várias tentativas de entendimento entre ambas as facções – mediadas pelo Reino Unido e que culminaram na assinatura do tratado de paz de 1998 –, uma bomba assumida pelo IRA nas Docklands de Londres ateou os ânimos dos grupos paramilitares lealistas e unionistas. Em Julho, as tensões reflectiram-se em confrontos com bombas de gasolina, de plástico, tendo resultado em vários feridos e mortes. A parada de *Drumcree*, que opõe *Orange Order* e residentes da *Garvaghy Road* sobre a passagem das marchas naquela região nacionalista e católica, e a postura da polícia a RUC, são os pontos mais controversos destes eventos. Enquanto que, pelo lado dos unionistas, a decisão de 1996 de reorganizar a marcha daquela região para não passar pela zona de Garvaghy é vista como uma afronta à tradição e à própria religião, os católicos, nacionalistas e residentes naquele região, consideram uma humilhação e um desrespeito a passagem daquela marcha naquela rua.

### **Irish News - 1996**

No Irish News, encontrámos duas notícias, com os títulos "*RUC clears Garvaghy road to let Orangemen through*" e "*Betrayed*". Em ambas, encontramos mostras de empatia ao lado

dos republicanos, através de escolhas não só em termos de vocabulário usado, mas também nas vozes usadas.

Assim, na primeira, temos uma peça que começa com a descrição de um ambiente calmo e alegre em Garvaghy, com "*women with babies in prams gathered in knots*" e "*young children played and shrieked excitedly*", que é contrastado com a "*anger*" e "*fury*" sentida ao se saber que a parada passaria por aquela rua, com o apoio da polícia, violando a lei que impedia a passagem. Todas as descrições ou vozes usadas – como "*the guns are coming in*" ou "*(...) you've come down here to beat us out the road*" – vão no sentido de mostrar a violência causada pela acção policial e descida dos marchantes na rua. A isotopia temática desta notícia é a reacção à decisão da polícia de deixar passar a parada por Garvaghy. Esta quis "*clear*", como se vê no título, os nacionalistas que protestavam contra a marcha, "arrastando-os". O texto é, todo ele, uma mistura entre o próprio testemunho do jornalista, de uma forma descritiva, e as vozes exteriores que recolheu, maioritariamente do lado nacionalista, que protesta, como demonstra logo na primeira frase "*this is the real siege of Drumcree*", que usa para abrir a notícia.

Omitindo por várias vezes o actor, o jornalista dá ênfase à acção, normalmente condenável pelos verbos usados, como "*force*". As fontes são, igualmente, usadas num misto de discurso indirecto e directo, mostrando que o jornalista se compadece ou sente empatia pelo lado nacionalista, reflectindo o descontentamento - "*this is the real siege of Drumcree*" -, a ameaça - "*you'll get what Mcgoldrick had*" - ou a acusação directa à polícia - "*this is disgusting, is despicable...*".

Na primeira parte do texto a descrição é quase neutra mostrando um ambiente pacífico, de empolgação das "*mães com os bebés*" que se aproximavam e das crianças que brincavam excitadas, usando vocábulos que transmitem simpatia. Contudo, este é logo quebrado passadas umas linhas. Aqui, os media já são "*forced*" a descer à rua, e os nacionalistas a "*pour out*", a dispersar, "*outraged*"; as bandeiras não voam, são "*burned*" e os jovens com "*scarves*", ou "*hit*" pelas balas de plástico. Os nacionalistas acompanham um vocabulário de comiserção, já que protestam sentados, calmamente; têm mães doentes às quais não conseguem chegar ou um funeral suspenso por obstrução das vias de passagem / ficarem sem local para passar. Por outro lado, também é demonstrada, no que concerne a decisão da polícia, a "*anger*" e "*desbelief*" sentido. Em torno dos unionistas, estão as ameaças, desde "*close all shops*", à lembrança do assassinato do taxista católico, daquela que é tratada como, metaforicamente falando, a "*mob rule*". A polícia é sempre retratada com um vocabulário mais violento, estando associada aos "*batons and boots*" que "*clear the road*" onde

os nacionalistas que protestam sentados, ou que os “*dragged off*”; aos “*abuse*” e aos “*occasional missile*” ou à “*fusilade of plastic bullets*”. O texto, quase no final, usa uma das vozes mais duras contra os *Orangemen*, ao citar uma jovem, chegando ao extremo a tendência anti-unionista, que disse “*the blacks had the KKK, the Jews had the Nazis and Catholics in Northern Ireland have the Orange Order*”. Recordámos aqui Tuchman, que nos mostra que, por vezes, o uso de determinadas citações pretendem mostrar a opinião do jornalista, dissimulada na voz da fonte que recolheu (Tuchman,1972:82).

A segunda notícia, com o título "Betrayed", denuncia desde o início a aproximação a um lado, com um registo novelesco, sensacionalista, que encontramos nas expressões como “*shocked*” ou “*broke down in tears*”. Estes termos têm uma forte componente de aproximação ao lado republicano, e, conseqüentemente, afastamento do outro, as “*loyalist mobs*” que, com as suas táticas de “*bully boy*”, supostamente, tinham intimidado o chefe da polícia, que cedeu às pressões na passagem pela dita zona católica. Outras palavras ou expressões presentes ao longo da notícia – como “*police swamped*”, os protestos contra a *Orange Order* para permitir a marcha como se “arrastam” pela força da água as pedras numa enxurrada; o “*sense of shock*” sentido por nacionalistas com a vitória dos unionistas; ou o reafirmar da “*traição*” pela RUC, pela polícia, ao permitirem o decurso da marcha – são mais exemplos em como o texto assenta de facto na temática da vitimização dos nacionalistas nesta questão.

A utilização maioritariamente de vozes externas no discurso indirecto assume de certa forma a aproximação do jornalista ao que está a ser contado. Indica a acusação de “*alguém*”, não especificado, à RUC arrogando a própria acusação, e ainda assume a afirmação que foram as “*bully boy tactics*” das “*loyalist mobs*” que causaram “*milhões de libras em prejuízo*”. Cita ainda o Primeiro Ministro da República da Irlanda, reproduzindo a sua preocupação profunda com os eventos, neste caso, as conseqüências das marchas. Serve-se de um discurso religioso, de um cardeal, que está ele próprio contra a decisão de enviar os marchantes através de *Garvaghy Road*. Os actores sociais usados são da facção nacionalista.

As duas notícias recolhidas, neste ano, têm o seu viés aproximado a um determinado lado, favorecendo a acusação ao outro, com a plena noção de que a maior audiência será a população republicana, católica por preferência. O discurso é todo, como podemos ver, tendencioso no sentido de metaforizar os unionistas como uma máfia, enquanto o outro é a vítima revoltada. A polícia, a RUC, aproximada ao Reino Unido, aparece sempre como a traidora que não cumpre promessas ou é violenta contra os nacionalistas. As frases de cariz negativista, e disfórica, e as imagens do Outro que estão

presentes em ambos os textos, não são inocentes. Elas apoiam através dos media e disseminam, por todos os que se sentem mais ligados ao lado nacionalista, a revolta sentida com a marcha dos *Orangemen*, enfatizando o desagrado, esquivando-se a uma postura apaziguadora, promotora da resolução da contenda através do diálogo.

### **Belfast Telegraph - 1996**

À semelhança do Irish News, também foram encontradas apenas duas notícias no site do Belfast Telegraph, uma com o título "*Boys not welcome in Derry*" e outra "*The only option was to resist at Drumcree*". Em ambas há uma aproximação ao lado unionista, embora com diferentes graus.

A primeira notícia remete para os protestos contra a marcha dos Apprentice Boys, uma das organizações da marcha, na zona de Derry. O lado republicano/nacionalista é visto intransigente, pois "*the nationalist community would not permit them to pass*". O adjectivo "*peaceful*" é usado, mais do que uma vez, em relação aos Orangemen, mostrando, em pequenos pormenores num texto maioritariamente descritivo, a tendência dos leitores do jornal. As vozes externas usadas, do Sinn Fein, revelam sempre os protestos republicanos de uma forma agressiva, como a citação "*damned well angry*", incluindo até a recusa do "*right to exist*" do grupo, e sempre usados de uma forma directa, distanciando-se assim o jornalista do que é dito. O autor cita igualmente a acusação feita em metáfora à polícia que seriam "*Orangemen without saches*". O próprio título, com aspas, remete de imediato para o tema da notícia sem, no entanto, haver espaço para o entendimento da acusação e como fazendo parte do discurso do redactor.

Na segunda notícia, mais longa que a primeira, a empatia é mais óbvia. Remete, desde o título, para o apoio aos unionista que só teriam a opção de "*resist at Drumcree*", e marchar naquela região. No texto, podemos então encontrar palavras bem fortes do campo lexical do conflito como "*war*", "*attacked*", "*defeat*", "*conspirators*", "*armed might*", revelando a violência que associa principalmente à facção republicana. Por outro lado, quando refere os unionistas, o vocabulário assume logo um outro cariz como "*clear thinking*", "*calm reflection*", "*cool heads*", "*patience*" ou "*resolute hearts*", de conotação claramente mais positiva. O uso de figuras de estilo, principalmente na citação de vozes, quer directa ou indirectamente, como a hipérbole "*slaughtered their comrades*", ou as metáforas "*murder machine*" e "*lackeys of the republic*", confere à crítica feita aos republicanos um tom muito mais forte e agressivo. Este vocabulário revela assim a temática da própria notícia, uma clara acusação aos movimentos anti-marchas e valorização das mesmas. As vozes usadas são ligadas à facção unionista,

denotando um sentimento anti-IRA.

Da mesma forma, e agora por oposição ao jornal anterior, vemos nas duas notícias do *Belfast Telegraph*, uma aproximação ao lado unionista que é ainda mais clara pela escolha do vocabulário identificada no segundo texto. Servindo uma maioria de leitores unionistas, o poder de ambas as notícias assenta principalmente no entendimento da fidelidade do seu público-alvo, favorecendo sempre esse lado, em detrimento do nacionalista/republicano, cuja crítica é inclusivamente hiperbolizada, exagerada.

### **Twelfth de 2009 nos dois jornais**

Passados 11 anos do tratado de paz na Irlanda do Norte, a questão das marchas Orange, embora a que continue ainda a gerar controvérsia e conflito, foi esmorecendo na importância jornalística e noticiosa. Se por um lado, elas continuam a ser realizadas, ainda com os protestos de alguns grupos republicanos e nacionalistas que ainda consideram uma falta de respeito a sua passagem pelas zonas não-unionistas, por outro, o peso dado à humilhação sentida outrora é agora menor. Permite então, em 2009, que a marcha seja vista como evento turístico, preparado para receber milhares de pessoas de toda a ilha e internacionais. As lojas estão pela primeira vez abertas em Belfast, revelando a calma que permite que a vida decorra naturalmente nesse dia, os ânimos estejam mais estáveis e o ambiente mais sereno.

### **Irish News - 2009**

Uma vez que, em tempo de paz, a questão das marchas, embora ainda controversa, perde importância, o *Irish News* publica apenas uma notícia, em tom descritivo e neutro, enumerando as acções e eventos a ocorrer nesse dia. Começando pelo título, factual e objectivo, todo o texto, uma única unidade, foca a descrição das actividades do dia de festa nas várias regiões da Irlanda do Norte. Como tal, o uso de verbos de acção como “*taking place*”, “*take part*”, “*passes*”, “*start*”, “*begin*”, todos relativos às marchas, sem recorrer a adjectivos quer em tom eufórico ou disfórico. O tema é a descrição dos eventos, usando provavelmente como vozes externas os relatos dos vários organizadores das marchas sem, no entanto, fazer referência aos mesmos.

Escrevendo para uma audiência maioritariamente nacionalista, e tendo perdido a polémica que subjazia o evento em décadas anteriores, o jornal sabe que a atenção estará, provavelmente, dirigida a outros assuntos que não este, permitindo-se assim a neutralidade.

### **Belfast Telegraph - 2009**

Em 2009, temos duas notícias em análise do Belfast Telegraph com os títulos "*Republican protest do not represent Donegal*" e "*Bowlers and Sachbes ready for Twelfth celebrations*", mostrando a maior importância dada ao evento.

Na primeira, o autor distancia, como se pode ver desde o título, os republicanos que protestam da população de *Donegal*, disposta a aceitar as diferenças e a marcha. O *lead* mantém a lógica do título. Começa com uma voz passiva, pondo em destaque a *Orange Order*, e não o agente, provavelmente alguém dentro da comunidade republicana, que afirmou que os slogans do IRA não correspondem à visão da maioria da população sobre o assunto. Os extremistas republicanos são representados de forma negativa por serem aqueles que "*daubed*" a pré-marcha em *Donegal* com os slogans que "*do not represent the views of the majority of people*", omitindo a visão de facto da população e assumindo a aceitação desta aos *Orange*.

A narrativa é mista, uma vez que, enquanto relata factos, os protestos dos republicanos, acaba por lhes conferir um toque sensacionalista, não só pela forma como fala dos "*republican extremists*", mas também, como valoriza as marchas, realizadas numa "*carnival atmosphere*". É composto então por duas unidades de texto, uma que foca os republicanos, disfórica, e outra, relativamente às marchas, de maior positivismo. A forma como o texto está escrito também nos remete para esta oposição; enquanto que nos primeiros parágrafos, ele usa um tom eufórico para descrever a marcha, no quarto parágrafo, introduzido com o "*But*", corta o positivismo para apresentar os extremistas republicanos, cujos slogans mancharam este quadro festivo. As palavras usadas ao referir uma e outra parte revelam exactamente essa dicotomia; enquanto que aos unionistas correspondem palavras como "*history-making gesture*", "*encourage ongoing communication*", "*peace process*" ou "*no trouble*", aos republicanos, estão associados a "*displeasure*", "*protest*" ou "*daubed*". Tendo como tema de base as *parades*, como todas as notícias recolhidas nesta amostra, esta é mais um exemplo da oposição de republicanos e unionistas, focando a controvérsia, em vez do entendimento. De seguida, passa ainda para a valorização de Bellintra, onde os republicanos colocaram os slogans, como a cidade de origem do Grande Mestre da *Orange Order* do Concelho de Donegal, David Mahon.

As vozes exteriores também seguem o mesmo padrão da tendência da notícia. Enquanto que, do lado republicano, são citados os slogans anti-marchas, pelos extremistas, com frases bastante agressivas, com recurso ao imperativo, como "*Brits out!*", as fontes do lado das organizações *Orange* estão, pelo contrário, "*working through the peace process*", para

resolver a questão do Norte da Irlanda, ou “*reaching out people who do not agree*” com o protestantismo, sempre representado de uma forma calma e serena, como os salvadores do conflito. Ao citar, o jornalista recorre a um misto de citação directa em frase curta e indirecto na maior parte dos casos, o que revela uma certa aproximação do mesmo ao que é dito.

Em toda a notícia, há uma espécie de apologia à relação que a República tem com a *Orange Order*. Há uma referência aos 12000 apoiantes na marcha de Rosnoulagh, cujo porta-voz é citado, o Grande Mestre da *Grand Orange Lodge of Ireland*, Robert Saulter, valorizando que a Ordem tenta efectivamente “*reaching out*” aqueles que “*do not agree with our protestantism*”. Há uma alusão ao tributo que este dá à recepção que os líderes da Orange recebem quando visitam ministros e políticos da República. Termina com a menção da ligação ainda da Orange Order ao governo irlandês que ajudou a criar um “*develop officer to work on modernising Orange Order property*”.

A segunda notícia é uma apologia clara às marchas. É uma narrativa mista, mais direccionada ao sensacionalismo que à descrição factual, demonstrado em palavras como o advérbio “*proudly*”, mas contendo formas verbais que exprimem acções, como “*converging*” ou “*take place*”. O título personifica os símbolos da *Orange Order*, os “*bowlers e sashes*” que estão “*ready for the Twelfth celebrations*”, valorizando-os. O foco do lead está nos “*Thousands of Orangemen*” que usam os símbolos da Ordem e os chapéus para fazerem parte das marchas, que decorrerão nos seis condados da Irlanda do Norte. O corpo do texto é maioritariamente uma descrição, embelezada com metáfora “*sea of bowler hats*”, com a qual inicia a descrição das cidades que receberão o evento ou apelo à emotividade, quando foca as famílias que “*will be enjoying*” as marchas. Há um foco na Orange Order que espera a “*carnival atmosphere*”, e referência às “*open shops*”, abertas pela primeira vez este ano, “*street entertainmen*”, “*performance shows*”, “*70 bands*”, que tornam o evento algo mais festivo, turístico e menos politizado.

Mais uma vez, a ligação à facção ao lado unionista, a sua principal audiência, é clara através do vocabulário usado e das fontes escolhidas. Ambos os textos pretendem transmitir uma valorização dos *Orangemen*, das marchas e de tudo o que envolve ser unionista.

Se por um lado, para os republicanos, em 2009, as paradas vão perdendo importância por não sofrerem a afronta e violência anterior, o *Belfast Telegraph* sabe que a sua audiência vê as paradas agora como um evento turístico a explorar, havendo uma consideração ainda maior no seu enfeite e lado utilitário. Daí termos uma notícia,

informativa, no primeiro e duas, com um carácter mais emotivo, no segundo

## Conclusão

Com a análise das quatro notícias de 1996 e as três de 2009, acima, observámos que o relato, a linguagem usada perante o mesmo assunto, alterou consoante o jornal para o qual se escreveu determinada notícia e consoante a fase do conflito, mudando o contexto social no qual esta é publicada. Logo, no nosso *corpus*, a imparcialidade não foi possível.

Quer em 1996, como em 2009, pudemos constatar a tendência republicana do *Irish News*, e a simpatia unionista do *Belfast Telegraph*. É uma diferença notória: no *Irish News*, encontramos o lado unionista/ lealista comparado inclusivamente com os Nazis ou Ku Klux Klan, ou visto como “*mobs*”; no *Belfast Telegraph* é-lhe associada a “*calm reflection*”, de um espírito “*peaceful*”. Por oposição, a vitimização é associada aos republicanos, no primeiro jornal, contrariamente ao segundo jornal, em que os que sofrem nas mãos dos “*republican extremists*” são os unionistas.

As vozes usadas por ambos são igualmente reflexo desta tendência; enquanto que, por um lado, se usa mais a facção com a qual se aproxima, por outro, o uso da facção oposta serve muitas vezes para reforçar a agressividade ou para criar um distanciamento com o jornalista.

Se o jornal determina o viés da notícia, a própria fase do conflito influencia, de igual modo, a forma como esta é escrita e publicada, demonstrando que, de facto, o contexto é de importância fulcral na análise de qualquer texto mediático. Sendo mais óbvio no *Irish News*, dado que o evento em si é uma festa unionista, com a paz, o interesse jornalístico nas marchas é mais reduzido. O *Belfast Telegraph*, por outro lado, embora mantendo a euforia perante o evento, que se canaliza agora para a sua “celebração”, tem um discurso em 2009 menos belicista que em 1996.

A quase indiferença do *Irish News* poderia significar, de certo modo, a atenuação do sentimento de humilhação dos próprios republicanos e nacionalistas relativamente às marchas em 2009. Enquanto os unionistas olham para o evento como algo a ser publicitado, os republicanos, com a estabilidade pacífica que se tenta atingir desde 1998, deixaram de olhar para as marchas como uma agressão violenta à sua própria identidade, e isso reflecte-se no jornal.

“Precisão e boa fé por parte do repórter é desejável” (Cohen-Almagor,2001:77), mas ele não age sozinho no uso de imagens negativas. As notícias fazem parte de uma

cadeia de produção, como vimos, que, numa época ditada pela concorrência económica, se fundamenta numa cultura adversarial, procurando aproximar-se dos seus leitores (responsáveis pela vida de um jornal). Além disso, os jornais e as redacções reflectem fenómenos e tendências, do meio onde vivem. A análise da prática discursiva pretende observar, nos textos, essas camadas da notícia, o contexto e o significado inerente (o que é dito e a forma como o é dito). Com as novas tecnologias, e o tempo entre a observação, a recolha de informação, a redacção e a publicação, diminui. O jornalista tem, por isso, de ter ainda mais em atenção esta necessidade de rigor e objectividade ao escrever, especialmente porque, em caso de pressão e limite de tempo, os preconceitos e noções comumente aceites (embora nem sempre correctas) são as primeiras a vir ao de cima.

O digital veio facilitar a vida ao jornalista, podendo torná-lo o melhor, consoante a rapidez com que traz as informações ao público, mas também pode aumentar a imparcialidade e minar a objectividade, deixando escapar, num texto menos aprofundado, estereótipos e conceitos que incentivam a distância das facções em caso de conflito. Aí, as palavras podem ser autênticos rastilhos de pólvora, a leitores já receptivos ao ódio e à crispação.

### **Referências Bibliográficas**

- Allen, T. e Seaton, J. (1999). *The Media of Conflict: War Reporting and Representations of Ethnic Violence*. Londres: Zed Books
- Burgess, H. e Burgess, G. (2003) What are intractable conflicts?. In Burgess, G. e Burgess, H. (eds), *Beyond Intractability*, Conflict Research Consortium, University of Colorado, Boulder, disponível online em [http://www.beyondintractability.org/essay/meaning\\_intractability/](http://www.beyondintractability.org/essay/meaning_intractability/)
- Burgess, H. (2003). *Enemy Images*. In Burgess, G. e Burgess, H. (eds), *Beyond Intractability*, Conflict Research Consortium, University of Colorado, Boulder, disponível online em <http://www.beyondintractability.org/bi-essay/enemy-image>
- Cohen-Almagor, R. (2001). *Speech Media and Ethics: The Limits of Free Expression*. Nova Iorque: Palgrave
- Cornu, D. (1999). *Jornalismo e verdade: para uma ética da informação*. Lisboa: Instituto Piaget
- Dijk, T. V.(1988). *New Jersey: News as Discourse*, Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Fairclough, N. (1995). *Media Discourse*. Londres: Arnold
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. *Media Discourse*. Cambridge: Polity Press
- Joseph, J. E.(2004) *Language and Identity: national, ethnic, religious*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan
- Knightley, P.(1982) *The First Casualty*, Londres: Quartet Books Limited

Marques, F., Ética e Discurso Jornalístico, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marques-ester-etica-discurso.pdf>, consultado a 25 de Maio de 2008

Pereira, R. e Rekalde, A. (2003) O Novo Jornalismo Fardado: El País e o Nacionalismo Basco. Porto: , Campo das Letras

Sadurski, W.(1999) Freedom of Speech and Its Limits. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers

Spencer, G. (2008) The Media and Peace : From Vietnam to the War on Terror. Nova Iorque: Palgrave Macmillan

Tuchman, G. (1972) A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In Traquina, N. (org.) (1999). Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias". Lisboa: Vega Editora, pp 74-90

Woodrow, A.(1996) Informação, Manipulação. Lisboa: Publicações D. Quixote.